

ENTRE A ÉTICA E A POÉTICA, O ATO FOTOGRÁFICO

*Daniela Mendes Cidade*¹

Resumo

A partir da experiência com um grupo de alunos, pessoas em situação de rua e participantes do projeto de extensão universitária *A Cara da Rua*, este ensaio propõe um reflexo sobre a vida contemporânea urbana com todas as suas contradições, contrastes sociais, exclusões e desigualdades. O ponto de partida é o exercício fotográfico que propõe uma leitura do corpo durante o ato fotográfico como ação. Para tratarmos do tema do abandono do sujeito à sua própria sorte nas ruas da cidade e o enfraquecimento dos princípios éticos tomamos como referência o pensamento de Derrida sobre hospitalidade. A conclusão aponta para o fato da performance do ato fotográfico como um deslocamento dentro do próprio espaço de vivência capaz de criar novas formas de integração social.

Palavras-chave: fotografia, ética, população de rua.

Abstract

Based on the experience with a group of students, street people and participants in the university extension project, *A Cara da Rua*, this essay proposes a reflection on contemporary urban life with all its contradictions, social contrasts, exclusions and inequalities. The starting point is the photographic exercise proposing to make a reading of the body during the photographic act as action. To deal with the subject of abandoning the subject to his own fate in the streets of the city and the weakening of ethical principles we take as reference Derrida's thought about hospitality. The conclusion points to the fact of the performance of the photographic act as a displacement within the space of experience capable of creating new forms of social integration.

Keywords: photography, ethics, homeless.

Introdução

A partir da metade do século passado iniciou-se um processo de democratização da arte, com novas formas de acesso e expressão, que recusam os modos convencionais de produção artística. A recusa de restringir a arte a produção de objetos de consumo, abriu caminho não só para a interação com público, mas passou a privilegiar um olhar voltado para as especificidades do contexto, sobretudo à cidade. Colocar a arte como elemento central no debate sobre a concepção do espaço, incluindo a ética, poderia ser uma forma de ressaltar a importância da fotografia como prática artística, para ampliar, assim, o campo interdisciplinar da Arquitetura e Urbanismo como espaço da alteridade?

O espaço como lugar da arte e do corpo - aquele em ação durante o ato fotográfico - deixa de ser apenas um invólucro, e passa a ser, também, um espaço de diálogo. Ou seja, não apenas o fora da obra de arte, como também um elemento a ser pensado e revelado antes da criação da obra. Este gesto incorpora toda a experiência do artista com o espaço de vida, antes, e durante o processo de criação.

Ao propor um percurso pela cidade através da imagem produzida por um grupo de moradores em situação de rua, procuramos abrir as possibilidades da fotografia, instrumento inserido no campo da arte contemporânea e do urbanismo, como ferramenta de investigação sobre a cidade, caminho para se chegar a um outro sentido do espaço, tempo e lugar.

O ato fotográfico como performance: a ação

O processo artístico depende do fora – o espaço vivido. Ao analisar o ato fotográfico como performance, uma das manifestações artísticas de destaque na análise do espaço público, acrescentaríamos a reação do espectador. Não apenas a física, mas também a ideológica, a partir da experiência dada pelo ato performático. Consequentemente, o artista – aqui também pessoa em situação de rua - passa a desempenhar, além do papel de agente cultural, uma força social ativa num campo de diversidades, onde se busca estabelecer experiências derivadas de valores de cidadania.

Partindo disso, tornamos o exercício fotográfico como uma possibilidade de reflexão sobre a vida contemporânea urbana, com todas as suas contradições, contrastes sociais, exclusões e desigualdades. Os protagonistas agora são estas pessoas em situação de rua. Seguindo Edson Souza, para estabelecer uma reflexão crítica da vida nas ruas da cidade, é preciso provocar o desejo de *desnaturalizar* a realidade. O objetivo é buscar uma forma de dar corpo a estes fantasmas urbanos. Para Souza, desnaturalizar uma realidade pronta, significa ir contra um modelo de automatismo, um processo de repetição do ontem, simplesmente para vencer um medo do amanhã, do desconhecido, daquilo que ainda não foi criado. Um medo que os moradores em situação de rua talvez não sintam quando no desempenho do ato fotográfico.

Para tratarmos do tema do abandono do sujeito à sua própria sorte nas ruas da cidade e o enfraquecimento dos princípios éticos tomamos como referência o pensamento de Derrida sobre a hospitalidade. A ação fotográfica também é um deslocamento dentro do próprio espaço de vivência: o ato oferece um lugar mais justo ao hóspede - morador em situação de rua - e receber esse hóspede é preparar um lugar, construir e substituí-lo por outro modificando-o pela sobreposição de um ato inesperado, e sentir-se acolhido. A chegada do outro acontece com a câmera na mão. A lógica do acontecimento, no contexto do pensamento de Derrida, coincide com a hospitalidade entendida como vinda do outro – como acolhimento da vinda do que só inesperadamente vem ou nos

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: danielamcidade@gmail.com

visita.

O ato fotográfico surge como uma ação que dá sentido ao espaço. Este mesmo ato permite uma certa apropriação do vazio em busca de um lugar. Anne Cauquelin (2008) relaciona o lugar como atributo do vazio incorporal, à partir da filosofia clássica. Segundo ela, existe lugar quando o corpo se revela, onde antes não havia nada. Retirando-se o corpo, o lugar torna-se vazio. A natureza do vazio não possui outro caráter que não seja o da aptidão a tornar-se continente de corpos. Para Cauquelin (2008), é impossível pensar o lugar separadamente do vazio e da presença do corpo, pois, segundo a filósofa, o “lugar emerge do vazio como aquilo que repentinamente é ocupado por um corpo, mas esse mesmo lugar volta a ser vazio se esse corpo for subtraído” (Cauquelin, 2008, p. 37). Por isso, de alguma maneira, o lugar também é intangível, sempre prestes a se esvanecer na medida do movimento dos corpos, de suas idas e vindas. “Efêmeros, imponderáveis, os lugares também são incorporais, assim como sua antítese, o vazio. Eles surgem e se dissolvem, segundo as determinações dos corpos que eles contentam em enquadrar” (Cauquelin, 2008, p. 38).



Figura 1 - Andanças Urbanas 1, Porto Alegre, 2017. Arquivo: Projeto A Cara da Rua. Figura 2 - Andanças Urbanas 2, Porto Alegre, 2017. Arquivo: Projeto A Cara da Rua.

A busca por um lugar, no entanto, não aparece aqui como um desejo de obter uma propriedade nos moldes tradicionais. Pensamos o espaço da cidade como lugar segundo o conceito de hospitalidade de Derrida: dar lugar ao outro; a alteridade acima de tudo como princípio para compreensão e concepção do espaço.

Ética e poética: a hospitalidade

Derrida, através do conceito de hospitalidade, apresenta uma obra que nos transmite uma esperança contra totalitarismos. Ele interroga a amizade quando transforma a hospitalidade em hostilidade, esse limiar que faz do anfitrião ao mesmo tempo um refém do hóspede, em uma situação onde pode haver o desencadeamento de um processo múltiplo de desentendimentos. O filósofo propõe repensar a hospitalidade: para ser hospitaleiro, deve-se partir da existência de uma morada assegurada. Em suas palavras, “talvez unicamente aquele que suporta a experiência da privação de casa pode oferecer a hospitalidade” (Derrida, 2000, p. 23).

Conforme interpreta Fernanda Bernardo (2002), para Derrida a hospitalidade, pura ou incondicional, não é um conceito jurídico ou político, mas sobretudo ético. Bernardo (2002), a partir de Derrida, diz que a ética da hospitalidade está na base de uma reelaboração crítica do conceito de Estado e de cidadania: “o tema da hospitalidade concentra nele as urgências mais concretas, e as mais próprias para articular a ética ao político” (Bernardo, 2002, p. 432). Derrida reconstruiria, então, o sentido da hospitalidade, em busca de uma heterogeneidade revendo o seu conceito na história, pois sua herança alcança mais de uma tradição. A hospitalidade, em seu significado bíblico, significa acolher o outro de uma injustiça numa cidade-refúgio, onde a lei da hospitalidade incondicional está acima das leis. Se acolhe o outro independente de uma lei instituída pelo estado. Por ser independente de uma legislação, a incondicionalidade da hospitalidade ou do acolhimento transforma-se em asilo. Derrida lembra a passagem bíblica onde Deus ordena a Moisés a criação de cidades-refúgio, que se transformam em asilo para acolher a todos os que eram perseguidos. Dessa forma, incluía-se o direito de residência, dando a possibilidade do acolhido passar a morar na cidade-refúgio, como cidadão, e entre cidadãos (Bernardo, 2002). No entanto, a resposta incluída no conceito de desconstrução de Derrida, aquela que permite que nesse acolhimento seja realmente incondicional: transformar o estrangeiro, o recém-chegado, em um cidadão. Para tanto, é preciso vê-lo como um cidadão do mundo, sendo ele mesmo concebido a partir do seu acolhimento como estrangeiro absoluto ou visitante inesperado. Ou seja, hospitalidade em condição de exílio, e cidade como um refúgio. Para as pessoas em situação de rua, o elementar refúgio.

A outra herança do conceito de hospitalidade na concepção de Derrida estaria relacionada ao cidadão como um ser político pertencente a um território, a partir do pensamento da filosofia da Grécia antiga. O estrangeiro é acolhido e tem direito à hospitalidade, como um dever, mas continua em sua condição de estrangeiro. A hospitalidade é condicional, pois é um direito limitado comparado àquele que é do lugar, o não estrangeiro. Da mesma forma, no pensamento kantiano, o direito do “recém chegado” não deve ser incondicional. “Universal, a hospitalidade kantiana é a hospitalidade do cidadão: está portanto sujeita à legislação estatal de que, de todo, depende. Embora universal, é uma hospitalidade interestadual: são os Estados que devem definir e outorgar as leis da hospitalidade” (Bernardo, 2002, p. 436). Exclui-se aqui o conceito de hospitalidade como “direito de residência” universal, limitando-a como “direito de visita”.

O direito de residência passa a ser um objeto definido pelos estados. Para Derrida, a “hospitalidade da cidade ou a hospitalidade privada são dependentes e são controladas pela lei e pela polícia do Estado” (Bernardo, 2002, p. 436). A hospitalidade universal, a partir do pensamento de Kant, é uma hospitalidade jurídico-política, pensada e instituída a partir da *polis*. Portanto, um direito condicionado pela soberania do estado, podendo o cidadão estrangeiro ser aceito, ou mesmo recusado. Em resumo, o princípio da hospitalidade deseja uma acolhida sem restrição, mas para tornar a acolhida efetiva e concreta, são impostas certas condições “que transformam o *dom* em contrato, a abertura para o pacto policiado; daí os direitos e deveres, as fronteiras, daí as leis” (Derrida, 2004, p. 249).

Para Derrida, o incondicional e o condicional são dois sentidos da hospitalidade que não são simples oposições. Quando o incondicional se coloca em contraponto com o condicional, para efetivar a hospitalidade sempre será “preciso inventar as melhores disposições, as condições menos más, a legislação mais justa” (Derrida, 2004, p.250). O filósofo está se referindo aqui especificamente ao processo de imigração. Porém, a condição policiada também é a mesma para aquele que ocupa o espaço público e se encontra estrangeiro dentro de sua própria cidade.



A Cara da Rua: experimentação fotográfica como experiência urbana

A reflexão que se estabelece aqui traz a linguagem da fotografia e o ato fotográfico no contexto do projeto de extensão universitária *A Cara da Rua*² para discutir ética e cidade. O projeto em desenvolvimento desde 2015 tem como proposta o oferecimento de oficinas de fotografia para pessoas em situação de rua. Partindo do campo da

² O Projeto *A Cara da Rua* iniciou as suas atividades em 2015 vinculado ao Programa de Extensão *Universidade na Rua* desenvolvido com apoio do Edital PROEXT/MEC-SESu 2015-2016 sob coordenação geral de Fernando Freitas Fuão, professor doutor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Desde 2017 o projeto vem sendo desenvolvido com através da Pró Reitoria de Extensão, PROEXT/UFRGS em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre – EPA que atende jovens e adultos em vulnerabilidade social.

Arquitetura e Urbanismo, propomos um exercício de experimentação fotográfica realizada a partir de andanças urbanas com itinerários propostos pelos próprios andarilhos.

O *A cara da Rua* é um projeto de extensão que coloca o objetivo principal na formação do sujeito como cidadão e busca a reflexão de forma indireta sobre o lugar como espaço da hospitalidade e hostilidade, de acolhimento e exclusão, simultaneamente.

A experiência urbana vivenciada entre universitários e pessoas em situação de rua, a alteridade nas ruas e o processo de identificação dos sujeitos que pertencem ao espaço da cidade através do ato fotográfico proporciona um jogo lúdico da manipulação da câmera e do exercício do olhar em busca da imagem poética. Pensar a cidade como um espaço de diálogo a partir da fotografia é também explorar uma surda inquietação como operação da imaginação criadora do lugar de exílio. Para Derrida (2002) a imagem criadora depende da condição de “separação e exílio designando sempre uma ruptura e um caminho no *interior* do mundo, não conseguem manifestá-la diretamente mas apenas indicá-la por uma metáfora” (Derrida, 2002, p.19). Cada imagem é muito mais que uma simples reprodução de uma cena. Ela traz consigo uma história, uma intenção, um desejo de falar de si onde o real e a imagem poética se confundem. O espaço público é um lugar de exílio para muitas pessoas que se encontram em situação de rua, transformando a rua em espaço de acolhimento, transformando hostilidade em hospitalidade.



Figura 4 - Guilherme Pereira, Da Série Reflexos, Porto Alegre, 2017. Arquivo: Projeto A Cara da Rua. Figura 5 - Rafael Dutra, Da Série Reflexos, Porto Alegre, 2017. Arquivo: Projeto A Cara da Rua.

A ação dos alunos que frequentam as oficinas de experimentação fotográfica alteram a condição de *morador de rua* para *photógrafo de rua*. O movimento que se estabelece com o espaço em busca da imagem poética que transforma-se em performance. Esse processo de transformação do sujeito antes excluído, agora acolhido, também se estende no tempo além do ato.

François Soulages (2010), ao abordar a questão da especificidade da fotografia, diz que ela consiste na articulação da irreversível obtenção do negativo e no interminável trabalho do negativo. Podemos fazer um paralelo com o processo que se propõe no projeto de extensão: do momento da ação fotográfica às formas de utilização da imagem.

Hoje, ao pensar as ruas como espaço de vida a partir da linguagem da fotografia, mesmo em se tratar da linguagem digital, e considerando a fotografia dentro do contexto da arte contemporânea, podemos adotar esse conceito de Soulages: pensar o ato fotográfico (momento de obtenção do negativo) como uma ação irreversível, incapaz de ser reproduzida da mesma forma e nas mesmas condições.

O momento da ação é único enquanto vivência espacial do grupo durante as andanças urbanas. No entanto, essa ação pode se tornar interminável a partir da rememoração e do relato no processo que se segue: a performance realizada para a venda de produtos com o uso das imagens fotográficas. Um dos objetivos desse projeto é a geração de renda a partir da venda de cartões postais vendidos pelos próprios autores das imagens realizadas durante as andanças urbanas (Figuras 3 a 5).

Fotografia e alteridade: uma certa possibilidade impossível

A fotografia estabelece uma função de ir além do caráter documentário de uma cidade concebida por esse grupo de alunos moradores das ruas de Porto Alegre. Ela também pode ser lida como uma forma de reconhecimento do espaço, de habitação, de lugar, de interior e exterior.

Conforme Fernanda Bernardo (2002), “a lógica do acontecimento, no contexto derridiano, coincide com a hospitalidade entendida como vinda do outro – como acolhimento da vinda do que só inesperadamente vem ou nos visita.” As imagens resultantes da vivência na atividade de extensão nos encaminham para uma leitura do conhecimento, da descoberta e do movimento, que passa a discutir o lugar do outro com a dialética da ausência, do vazio, e de sua possibilidade de recuperação através da imagem.

A fotografia reconstrói a condição de ausência, de exclusão em uma cidade separada. O avesso, o vazio, a sobra, nos fazem chegar ao conhecimento e à reflexão sobre o sentido do espaço, ou sobre a cidade e o lugar a partir do olhar destes moradores de rua.

Estas imagens podem ser lidas como resultado que vai além de uma relação se estabelece entre corpo e espaço, e que coloca o meio urbano como instrumento de constante análise e crítica do sentido do lugar e da integração social. Na relação imagem e movimento como forma de apropriação do espaço, a fotografia transforma-se em uma maneira de inserção social, transfigurando esses corpos em *figura-figura*. Diferentemente da concepção de figura-fundo utilizada por muitos urbanistas como um dos instrumentos de análise da cidade, onde a pessoa é dissociada do espaço.

O espaço aberto da cidade deixa ser um vazio, e o ato que resulta na imagem fotográfica trabalha como catalizador de um processo de recuperação de ausências. Ele insere o ser humano em uma determinada perspectiva: espaço e vida. Em uma sociedade onde há tanta injustiça, viver já representaria um ato de resistência.

Referências bibliográficas

BERNARDO, Fernanda. *A ética da hospitalidade, segundo J. Derrida, ou o porvir do cosmopolitismo por vir a propósito das cidades-refúgio, re-inventar a cidadania(II)*. 2002. Web. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/a_etica_da_hospitalidade_II>. Acesso em: 10 maio 2016.

CAUQUELIN, Anne. *Frequenter os incorporais: contribuição a uma teoria da arte contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DERRIDA, Jacques. *L'Hospitalité*. Paris: Gallimard, 2000.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

HIGINO, Nuno. *Álvaro Siza: desenhar a hospitalidade*. Matosinhos: Casa da Arquitetura, 2010.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SOULAGES, François. *Estética da fotografia: perda e permanência*. Editora São Paulo: Senac, 2010.

SOUZA, Edson Luiz. *A necessidade das utopias*. 2014. Web. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BssyobQeAk>>. Acesso em: 12 março 2017.